

David Léo Levisky

Meu pai, um desconhecido?



MEU PAI, UM DESCONHECIDO?

David Léo Levisky

Meu pai, um desconhecido?

© 2022 David Léo Levisky

Editora Tao

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Thaís Costa

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Claudia Fatel Lino

Revisão de texto MPMB

Capa Laércio Flenic



Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

contato@taoeditora.com.br
www.taoeditora.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Tao Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Levisky, David Léo

Meu pai, um desconhecido? / David L. Levisky. -
São Paulo : Blucher, 2022.

242 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-89913-08-5 (impresso)

ISBN 978-65-89913-09-2 (eletrônico)

1. Levisky, David Léo - Memória autobiográfica
2. Chagall, Marc, 1887-1985 3. Odessa (Ucrânia)
- História 4. Judeus - Migração - Europa 4. Judeus -
Imigração - Brasil I. Título

21-5266

CDD 929

Índice para catálogo sistemático:

1. Levisky, David Léo - Memória autobiográfica

Conteúdo

Agradecimentos	9
Prefácio – IZIDORO BLIKSTEIN	13
1. Paris, fevereiro de 2013: exposição Entre guerra e paz	27
2. Chagall e minha vida	37
3. Migrações	59
4. Odessa, primavera/verão de 1905	67
5. Odessa, outubro de 1905	87
6. Odessa, inverno de 1907	93
7. Odessa, 1914	101
8. Odessa, 1917	111
9. Odessa, 1918-1919: a chegada do comunismo	117
10. Odessa, 1919-1920: a fuga	129
11. Lvov, 1921	137

12. Berlim-Danzig, 1922-1924	155
13. Cherbourg (França), 1924: a viagem	169
14. Recife, 1924-1928	179
15. São Paulo, 1928-	185
16. Reencontro com o passado	195
17. Odessa, 2018	229
Referências	241

CAPÍTULO 1

Paris, fevereiro de 2013: exposição Entre guerra e paz

Chorei diante de um dos quadros de Marc Chagall enquanto visitava a exposição Entre guerra e paz no Museu de Luxemburgo. Reação ilógica, sem motivação aparente, diante de uma pintura ingênua, de cores alegres e formas oníricas. Obra de um pintor em devaneio ao retratar as núpcias de um casal em um pequeno vilarejo nos arredores de Vitebsk, na Bielorrússia, onde ele nasceu. De braços dados, o casal atravessa o telhado de uma casa em direção aos céus; o noivo de terno preto, a noiva de vestido branco, segurando um buque florido em meio a cabras e objetos flutuantes suspensos no ar. Uma simplicidade comovente.

Fora do museu, um frio intenso congelava turistas desavisados, que aguardavam na longa fila para comprar ingressos para aquele dia. François, muito prudente, os havia adquirido com antecedência e nos fez entrar pela porta dos convidados preferenciais. François é um importante *marchand* francês, amigo que havia

conhecido em uma das muitas visitas feitas à cidade e que me acolheu no início de minha formação profissional. Aproveitamos o intervalo entre as atividades turísticas e culturais – além de algumas comprinhas – para desfrutar da exposição.

Cada vez que visitava a França, sentia-me desejoso de, ao voltar para o Brasil, colaborar com o desenvolvimento do país e do povo que deram tantas oportunidades aos meus pais, imigrantes europeus, que aqui chegaram sem nada, apenas com educação e vontade de trabalhar. Com essa disposição para lutar e, se possível, vencer, construíram recursos para educar os filhos. Daí para a frente, o futuro dependeu de aprendermos a pescar e voar por nós mesmos.

Em meio a essas ideias, tentava me concentrar na exposição de Chagall. Caminhava pelas galerias apinhadas de admiradores que paravam próximo das pinturas para ver casas simples e suspensas, cabritos voando, carroças, anjos, homens e mulheres abraçados, noivas emocionadas e puras flanando no ar, sem distinção entre dentro e fora, chão, nuvens e paredes. Cenas que se misturavam aos ares rurais do Império Russo na transição dos séculos XIX e XX.

Aproximava-me e me afastava das telas para melhor apreciar contrastes e nuances. Tentava entender o estranho mobilizado em mim pelas pinturas, sem, no entanto, identificar o que me tocava, o que estava me agitando tão profundamente a alma. Eu não era capaz de nomear os elementos que compunham minha inquietação e mal-estar, estimulados por algo, ao mesmo tempo, estranho e familiar, contradição excitante e geradora de indagações.

François caminhava ao meu lado sem perder a oportunidade de exibir saberes relacionados à vida do artista, integrando-os aos movimentos culturais da época. Eu o ouvia sem escutar. Estava intrigado com as formas, as cores e as ideias do pintor projetadas nas telas, que se confundiam com os enigmas que me inquietavam. A irritação me subia à cabeça, empurrado por curiosos que

se postavam à minha frente, enquanto eu tentava esclarecer, sem êxito, os porquês das minhas reações a imagens tão pueris, surreais e de colorido surpreendente.

A imprevisibilidade e as transgressões ilógicas, frequentes nos desenhos infantis, estavam ali presentes, representando modos de vida daquela gente e época. Evocavam sentimentos e lembranças de algo nunca vivido, mas presente em meu ser, escondido em arquivos inconscientes. Tomado de súbita pressão, explodi em lágrimas que me constrangeram. Retirei-me para um canto, amparado pela segurança, que prontamente me ofereceu uma cadeira. Mergulhei a cabeça entre as mãos e chorei um choro soluçante e descontrolado. Quando me acalmei, tomado de vergonha, me refugiei no banheiro para me recompor.

Tentei prosseguir com a visita, mas foi um fracasso. Não conseguia me concentrar, tomado por intenso cansaço. Voltei para o hotel acompanhado por François, que procurou me tranquilizar:

— Deite um pouco e relaxe. Passarei mais tarde para apanhá-lo. Se estiver bem, iremos juntos a uma recepção na Embaixada Brasileira. Haverá muita gente chique e famosa do mundo artístico e empresarial dos dois países. Acho que você vai gostar. E, no mínimo, vamos comer e beber bem.

Concordei, sem ânimo para retratar o que sentia naquele momento. Atirei-me na cama, invadido por uma profusão de pensamentos sobre a história dos meus antepassados, vindos do leste europeu e sobre os quais pouco sabia. Percebia as lacunas existentes em minha história de vida, sem conseguir correlacionar as inquietações emocionais com o material da exposição. Tomei um analgésico e logo adormeci.

Estava escuro quando o telefone tocou. Era François no saguão do hotel, querendo saber como eu estava e se iria com ele ao evento:

— Se estiver melhor, aguardo-o aqui no saguão enquanto você se arruma.

Resolvi enfrentar a preguiça e deixar o quentinho da cama para acompanhar François. Não queria frustrá-lo – e nem a mim –, ele que sempre se colocava tão gentil e disponível, com papos deliciosos. Também estava curioso para curtir uma reunião dessas, pouco comum no meu dia a dia.

— Um momento. Irei com você. Preciso tomar um banho e me vestir.

Demorei mais do que pretendia para descer, pois estava interessado em agendar nova visita à exposição para o dia seguinte, incomodado com os ruídos internos que seguiam a me perturbar. No dia seguinte, iria direto da exposição para o aeroporto, com embarque marcado de retorno para o Brasil.

Exausto pela intensidade da noite anterior, voltei à exposição, acompanhado de mala e algumas compras. A fila dos sem ingressos continuava extensa. O frio castigava os turistas ávidos para conhecer a obra revolucionária daquele judeu nascido em 7 de julho de 1887, filho de um vendedor de arenques conservados em tonéis de salmoura.

Reiniciei a visita, passando, lentamente, pelas duas primeiras salas, quando resolvi ir direto ao salão no qual estava exposto o quadro mobilizador da forte emoção. As imagens me levaram a pensar em meus pais, que permaneceram casados por mais de 65 anos. Uma sensação nostálgica vinha das profundezas do meu ser, marca da presença de sentimentos subterrâneos, inomináveis. Chagall retratava modos de vida do seu vilarejo natal com alegria e ternura. Em minha imaginação, aquelas imagens poderiam corresponder ao que teria sido o local de origem de meus pais. Eles pouco falavam do passado, menos ainda de suas infâncias. Eu também não perguntava.

As imagens me fizeram lembrar as do vendedor de leite de cabra de minha infância, um homem de meia-idade que descia a

Alameda Campinas com seu rebanho controlado por uma vara de bambu. Geleia, um vira-lata, corria e latia em torno dos animais, mantendo-os agrupados, impedindo que retardatários ou desertores se desgarrassem do grupo. Sinos pendurados no pescoço tilitavam, anunciando sua presença. Eu corria até o portão de casa para ver os animais, muitas vezes com uma panelinha na mão para comprar o leite, acompanhado dos conselhos de minha mãe:

— Cuidado para não derrubar o leite! Custa muito caro! Não corra, você pode se machucar!

As pinturas de Chagall evocavam rabinos, imagens da Torah, pessoas com vestimentas estranhas e símbolos da vida judaica que mexeram com minhas lembranças de infância. Emergiram na memória a casa da minha avó, no Bom Retiro, as festas judaicas, as brigas com o professor de hebraico – um chato que me atormentava às vésperas do *bar mitzvah*. Língua estranha que aprendi a ler sem nada entender, em meio a broncas dadas em um português horrível, cheio de sotaque, quando eu perguntava o significado do que estava lendo:

— Leia isso aí menino! Não pergunte.

Mas ler o indecifrável, o incompreensível!

Minha mente oscilava entre admiração pela ousadia e espontaneidade do pintor e sentimentos nostálgicos, lúdicos, inusitados, sombrios e violentos de minha infância. Imagens de guerras, *pogroms*, perseguições e mortes em meio à alegria e encontros de família. Era o picadeiro da vida, retratado em múltiplas cores, amores, música, opressões e humilhações, entre mulheres sensuais e homens apaixonados. Trapezistas que se equilibravam no viver perigoso dos desejos e da vida real.

Chagall seria o ponto de partida do regresso ao passado presente em mim. Nas investigações sobre o silêncio ruidoso que me

fez chorar, sentir estranhas sensações, mistérios a serem desvendados. Amores e pavores da história de vida do pintor russo presentes em minhas motivações, uma possibilidade.

Caminhava, na exposição, pelas aleias de quadros, perdido em pensamentos, quando o celular tocou:

— Sou eu, François. Onde você está?

— Voltei ao Museu de Luxemburgo para terminar de ver a exposição.

— Quero lhe fazer uma surpresa. A que horas você embarca? Vamos jantar em um bistrô próximo ao museu? Eu o levarei ao aeroporto, assim teremos algum tempo para mais um brinde antes de nos despedirmos. Sua mala está no hotel?

— Não. Está aqui comigo, mas não quero incomodá-lo, nem abusar de sua gentileza.

— Não se preocupe. Será um prazer. Faça questão.

— Pelo visto, não tenho alternativas!

— É verdade. Passarei para apanhá-lo dentro de uma hora. Tudo bem para você?

— Espere-me na entrada principal. Está muito frio e chovendo para aguardar do lado de fora.

O telefonema alterou meu estado de espírito. Apressei-me para concluir a visita, sem poder imaginar o que se passava na cabeça do meu amigo.

François chegou pontualmente:

— Vamos a um bistrô próximo daqui. Comeremos alguma especialidade francesa e brindaremos à nossa amizade. Aproveitei para comprar esta lembrancinha para você. Acredito que irá gostar.

Sorridente, entregou-me uma sacolinha, essas de plástico fininho, com um livro embrulhado para presente. Hesitei para abri-lo e logo ouvi:

— Abra-o! Abra-o! Quero ver sua reação.

Um tanto constrangido, rasguei o papel e deparei com o título *Ma vie (Minha vida)*, de Chagall, de 1928.

— Livro único – disse-me François –, escrito por ele mesmo, no qual relata sua infância, juventude e primeiros passos no estudo da pintura. Quem sabe, no interior dele, você encontrará respostas para sua grande emoção? Ou, pelo contrário, surgirão mais dúvidas sobre a vida do pintor e possíveis relações entre a pintura e aspectos que poderiam tê-lo sensibilizado, já que seu pai nasceu em Odessa, como você havia me dito. Estou curioso para saber o que sairá de dentro de você, se cobras, lagartos, devaneios e sabe-se lá o que mais. Sua emoção me comoveu. Achei que você poderia gostar de saber mais sobre a vida do pintor. É uma pequena lembrança do nosso encontro.

Levantei-me para abraçá-lo, tomado de forte emoção:

— Parece que você leu meus pensamentos. Pretendia ir ao encontro da biografia do Chagall para situar características da vida naquela região e época. Talvez as cidades da zona rural fossem parecidas entre si? Pode ser que a infância de meus pais se assemelhasse em alguns aspectos àquela vivida pelo pintor. Na verdade, sou um ignorante da história de vida dos judeus da Europa Central. Pouco ou quase nada me foi transmitido. Só agora estou tomando a iniciativa de ir atrás. Curiosamente, meus pais nada me contaram da infância deles. Como e quando vieram? O que os teria levado a deixar a terra natal? Onde chegaram e como foram os anos de adaptação inicial no Brasil? Tenho apenas alguns dados esparsos de um e de outro, sem conseguir montar uma história que me faça sentido, tampouco sei como teria influenciado minha

infância e desenvolvimento. Há lacunas a serem desvendadas. Sou um estranho de mim mesmo.

— Bem! Você tem pela frente um belo processo de investigação. Se for um bom detetive, tiver tempo e motivação, provavelmente, descobrirá muitas coisas. Não sei se ajuda, mas, entre o final do século XIX e início do XX, o movimento migratório da Europa para as Américas foi intenso, devido à fome, miséria, guerras e perseguições de grupos minoritários, como os judeus. Havia uma burguesia e uma aristocracia rica, corrupta e cheia de privilégios. Aliás, não muito diferente do que se vê hoje com os movimentos migratórios do Norte da África para a Europa.

— No Brasil também é assim. País que ofereceu muitas oportunidades para os estrangeiros que vieram “fazer a América”, como se costumava dizer por lá, sem saberem se era a do Norte, Central ou do Sul. Encontraram um povo hospitaleiro ao lado de desilusões, sujeiras e corrupções que já existiam, e que, agora, estão mais evidentes, denunciadas pelas mídias sociais.

— Precisamos ir! Disse François. Teremos de deixar essa conversa para uma outra oportunidade. Em vez de levá-lo até o aeroporto, vou deixá-lo no Airbus que irá diretamente ao seu terminal de embarque. Sexta-feira a esta hora o trânsito deve estar terrível.

— É mesmo. A conversa está tão boa que acabei me desligando do horário. Pegarei um táxi. Não precisa se incomodar. Adorei o livro. Tenho certeza de que ele me será muito útil.

— Fico feliz por isso. Vou deixá-lo no ponto de ônibus. É muito tranquilo e mais barato. Ele o deixará no terminal 2B. Vamos caminhando enquanto lhe conto algo sobre Chagall.

E continuou:

— Era um jovem transgressor para a sua época, como costumam ser os jovens. São eles os que primeiro rompem com o *establishment*.

Distante da educação religiosa. Como judeu, quebrou a tradição familiar e se transformou em um dos maiores pintores dos tempos modernos. Foi figurinista, cenógrafo e trabalhava na elaboração de lindos e significativos vitrais. Foi um gênio na arte de representar por meio de imagens e formas. Era um menino tímido, mas corajoso e perseverante em seus propósitos criativos, levando sua mãe a se resignar quanto ao futuro do filho como judeu. Na adolescência, ela o incentivou a estudar desenho e pintura na escola de Belas-Artes de São Petersburgo. Isso já em fins do século XIX... Bem, pronto, chegamos. Temos de nos despedir. O final da história ficará para outra ocasião, ou será que a ouvirei de você?

Rimos emocionados e nos despedimos. Assim que me sentei, o ônibus partiu. Sentia-me um gigante aventureiro, desejoso de desvendar segredos e mistérios, e, ao mesmo tempo, um anão perdido na imensidão das histórias. A ignorância sobre a história de meus pais e de outros familiares da geração deles se refletia na presença de um grande vazio interior; uma corrente com muitos elos perdidos. Havia um sentimento de não enraizamento, ou, quem sabe, de um enraizamento em constante deslocamento. Um ser errante. Sentimento difícil de ser percebido, acompanhado de uma indagação fundamental: vale à pena mergulhar nessa caverna escura? Para quê?

A razão me dizia que não valia o esforço. Mas uma força irracional, poderosa mesmo, me empurrava nessa direção. Aprendi com a própria experiência que o bem-estar e a felicidade dependiam do respeito que eu dava à minha intuição. Busca maluca, cheia de trabalho e sofrimento, mas isso não era o importante. O que valia eram as possibilidades de realização pessoal.

Comecei a devorar *Ma vie*, na firme convicção de que extrairia dali elementos que me serviriam de pistas para compreender os primeiros anos da vida de meu pai, incógnitas que, certamente, teriam influenciado o meu jeito de ser. O silêncio sobre a infância

dele me fez levantar suspeitas de que muitos dos meus medos intensos e um perfil de eterno questionador provinham de ruídos profundos presentes em minha personalidade. Esperava poder fazer correlações entre a vida do pintor, que tanto me sensibilizou, e possíveis elementos culturais e psicológicos da vida na Rússia. Conteúdos que poderiam me ajudar a entender o que teria se passado na vida de meu pai, em sua infância e juventude, e a influência desses acontecimentos em minha vida.

Acordei tarde. Os familiares da velha guarda que ainda restam vivos são poucos e não sabem falar sobre as histórias de nossos antepassados. Também não as ouviram de seus pais e não se lembraram de perguntar sobre suas raízes, de onde e como vieram. Por que saíram da terra natal? Que trajetos fizeram? Como escolheram sua nova morada?

A ameaça do fim da história gera angústia. Quando o passado desaparece não lidamos bem com o presente, nem atenuamos a angústia frente às ilusões de termos algum controle sobre o planejamento do futuro, nem que seja como sonho. Talvez as inquietações sejam apenas e unicamente pessoais, mas me estimulam a realizar esse trabalho de resgate arqueológico, histórico e, principalmente, emocional. A busca de vestígios históricos pesquisados, contados, ouvidos ou visto em fotos permite intuir, usar da criatividade e da imaginação para dar uma certa lógica ao passado presente, gerador de vazios. Suponho que seja um meio de preencher lacunas existenciais, cuja investigação amplia o sentido da vida, em um momento tão cheio de incertezas. Mas em que futuro se está pensando?



Trata-se, afinal, de perseguir um fio, histórico e subjetivo, que possa entrelaçar e conferir sentido a experiências diversas em tempos diversos. Eis o desafio narrativo: como expor, compor e problematizar uma indagação que se espraia em várias ordens de experiências individuais e coletivas?

Salette de Almeida Cara

Intensamente motivado e inspirado, então, pela arte e a autobiografia de Chagall, David vai, pouco a pouco, penetrando, não sem resistência, nas esferas do inconsciente e tomando contato com seu “passado presente”. Daí as lágrimas:

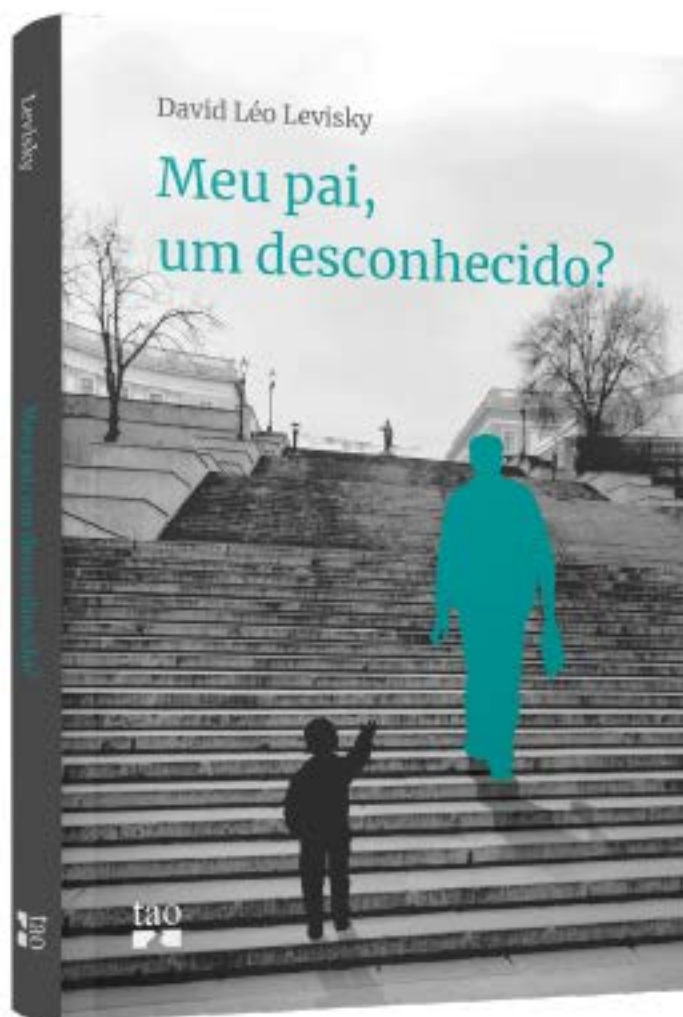
“A imprevisibilidade e as transgressões ilógicas, frequentes nos desenhos infantis, estavam ali presentes, representando modos de vida daquela gente e época. Evocavam sentimentos e lembranças de algo nunca vivido, mas presente em meu ser, escondido em arquivos inconscientes. Tomado de súbita pressão explodi em lágrimas que me constrangeram”.

Izidoro Blikstein



www.taoeditora.com.br

tao



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Meu Pai, um Desconhecido?

David Léo Levisky

ISBN: 9786589913085

Páginas: 242

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
